

MANDALAS FORMATIVAS: O ENSINO REMOTO DE EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA PROMOÇÃO DA SAÚDE

FORMATIVE MANDALAS: REMOTE TEACHING OF POPULAR EDUCATION FROM THE PERSPECTIVE OF HEALTH PROMOTION


doi 10.36977/ercct.v21i2.274

Relato de Experiência


Déborah Santana Pereira¹

 <https://orcid.org/0000-0002-8377-4874>

Anael Queirós Silva Barros²

 <https://orcid.org/0000-0002-1276-4759>

Thereza Maria Magalhães Moreira³

 <https://orcid.org/0000-0003-1424-0649>

Helena Alves de Carvalho Sampaio⁴

 <https://orcid.org/0000-0001-5353-8259>

Maria Rocineide Ferreira da Silva⁵

 <https://orcid.org/0000-0002-6086-6901>

RESUMO

O relato de experiência foi proveniente da disciplina “Educação Popular e Escola na Perspectiva da Promoção da Saúde”, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade Estadual do Ceará. Foi feito o registro das aulas com detalhamento sobre temas abordados que repercutiram na construção da mandala, na concepção que representasse o conhecimento prévio dos estudantes sobre a Educação Popular em Saúde (EPS). Após apresentação, iniciou-se a construção de uma mandala, considerando a literatura científica nas seguintes etapas: a) Concepção problematizadora de Paulo Freire; b) EPS: raízes históricas; c) EPS e princípios do SUS; d) EPS como política pública; e) EPS e práticas populares; f) EPS: arte, espiritualidade e subjetividade; g) Construção compartilhada do conhecimento; e h) Formação para EPS. A utilização das mandalas na EPS mostrou-se meio efetivo de apropriação de conteúdos e compartilhamento de experiências e informações de forma participativa, mesmo no ensino remoto.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Educação Popular. Tecnologia Educacional.



Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia

www.uvanet.br/essentia

Recebido em: 15/11/2021

Aprovado em: 17/12/2021

Autor para correspondência:

Anael Queiros Silva Barros

Rua Vicente leite, 2360, Aldeota, Fortaleza, Ceará, Brasil. CEP: 60.170-151

E-mail: anaelqueiros@hotmail.com



Copyright (c) 2021 Essentia - Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú
This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

¹Formação. Maior titulação e instituição. Vinculação profissional e/ou institucional. Cidade. E-mail:

²Formação. Maior titulação e instituição. Vinculação profissional e/ou institucional. Cidade. E-mail:

³Formação. Maior titulação e instituição. Vinculação profissional e/ou institucional. Cidade. E-mail:

⁴Formação. Maior titulação e instituição. Vinculação profissional e/ou institucional. Cidade. E-mail:

⁵Formação. Maior titulação e instituição. Vinculação profissional e/ou institucional. Cidade. E-mail:

ABSTRACT

The experience report came from the discipline "Popular Education and School in the Perspective of Health Promotion" of the Postgraduate Program in Public Health at the Universidade Estadual do Ceará. Classes were recorded with details on topics covered that impacted the construction of the mandala, in the conception that represented the students' prior knowledge about Popular Health Education (Educação Popular em Saúde, EPS). After the presentation, the construction of a mandala began, considering the scientific literature in the following steps: a) Paulo Freire's problematizing conception; b) EPS: historical roots; c) EPS and principles of SUS (Brazilian public health system); d) EPS as public policy; e) EPS and popular practices; f) EPS: art, spirituality and subjectivity; g) Shared construction of knowledge; h) Training for EPS. The use of mandalas in EPS proved to be an effective means of appropriating content and sharing experiences and information in a participatory way, even in remote teaching.

Keywords: Health education. Popular Education. Educational technology.

INTRODUÇÃO

O planejamento de estratégias educacionais utilizadas no ensino remoto deve ser de forma objetiva e operacional, usando como meio tecnologias digitais com suporte e acessibilidade e o uso de práticas inovadoras (ferramentas educacionais), que geralmente são definidas e escolhidas pelo docente, conforme a familiaridade e habilidades.

Diante de um novo cenário epidemiológico, ocasionado pela contaminação pelo Sars-CoV-2 (covid-19), fez-se necessário reconsiderar o modo de viver e ressignificar o cotidiano. O ensino por meio presencial deu lugar ao ensino remoto, com fechamento dos estabelecimentos de educação presencial, como escolas, faculdades e universidades, sejam privadas ou públicas. Aderindo a um novo modelo de ensino, com novas potencialidades e grandes desafios aos alunos e professores, o ensino remoto ou híbrido veio substituir as salas de aulas presenciais pelas salas virtuais.

O Ministério da Educação (MEC) publicou a Portaria n.º 343, em 17 de março de 2020, em que substituiu as aulas presenciais por aulas síncronas e/ou remotas, mediadas por meios digitais. Instituiu, como responsabilidade às instituições (públicas e privadas), a definição das disciplinas e a disponibilização de ferramentas aos professores e alunos, para o acompanhamento dos conteúdos e a realização das avaliações (BRASIL, 2020).

Os dados que serão apresentados ao decorrer deste artigo tiveram sua origem na experiência vivenciada na disciplina de "Educação Popular e Escola na Perspectiva da Promoção da Saúde", do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPSAC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Além da metodologia utilizada pela docente da disciplina, espelhou-se também na

abordagem utilizada em uma tese de doutorado (SOLANO, 2020), que versava sobre as mandalas formativas e a unidade básica de saúde escolar, a qual esteve reportada ao debate em aula remota.

Por fim, a necessidade de ressignificar o ensino da disciplina de "Educação Popular e Escola na Perspectiva da Promoção da Saúde", diante dos desafios da pandemia e do ensino remoto, desencadeou o presente estudo, tendo como objetivo: relatar a experiência da utilização da mandala como tecnologia educativa para o ensino de temáticas relacionadas à Educação Popular em Saúde.

DESENVOLVIMENTO

1. Ensino, aprendizagem e a Pedagogia Freireana

Dentre as várias definições de educação existentes, pode-se refletir na ideia da educação como um ato político e social, que faz parte do cotidiano das pessoas, configurando-se não como uma educação, mas várias educações, que se concretizam nos mais diversos ambientes e espaços de aprendizagem (FREIRE, 1989; PRADO; REIBNITZ, 2016).

Nesse processo educativo, estão envolvidos educadores e educandos, numa relação de ensino e aprendizagem que considera a leitura de mundo e a leitura da palavra numa visão crítica e contextualizada. Assim, o ato de ler vai além da leitura da palavra, mas envolve a percepção crítica, interpretação e reescrita do lido. Tal ato deve considerar a criatividade e responsabilidade do educando na construção de sua linguagem escrita e leitura dessa linguagem (FREIRE, 1989).

Em um contraponto entre a concepção bancária e a concepção problematizadora da educação, entende-se que a educação bancária acontece por meio da transmissão de conteúdo pelo professor e sua repetição pelos alunos, podendo criar um ambiente de alienação que bloqueia a criatividade, transformação e reinvenção dos educandos. Já na educação problematizadora, o educador é mediador da aprendizagem, proporcionando diálogo e estimulando a curiosidade e participação dos educandos (PRADO; REIBNITZ, 2016).

Paulo Freire defende uma pedagogia transformadora, científica, fundamentada na ética, no respeito à dignidade, na autonomia do educando, e com criticidade e amorosidade necessárias às relações educativas. Não se trata de transferir conhecimento, mas de criar possibilidades para a sua construção (FREIRE, 1996).

Fazendo uma aproximação entre essa concepção problematizadora e os princípios defendidos por Paulo Freire, tem-se nas Metodologias Ativas de Aprendizagem um meio de estimular o pensamento crítico e criativo dos

educandos, tornando-os protagonistas no processo de aprendizagem.

As Metodologias Ativas de Aprendizagem são estratégias pedagógicas que engajam e envolvem os educandos em atividades práticas, tornando-os sujeitos ativos no seu processo de aprendizagem. São propostas situações que despertam a percepção de competência e a curiosidade dos aprendizes, de maneira que os levam a edificar conhecimentos sobre os conteúdos envolvidos nas atividades, desenvolvendo estratégias cognitivas, de interação e capacidade crítica (VALENTE; ALMEIDA; GERALDINI, 2017).

Um exemplo da proposta citada é a sala de aula invertida, que se trata de uma estratégia que inverte o modelo tradicional de aula, fazendo com que os estudantes tenham acesso prévio aos conteúdos antes da aula. Essa dedicará um tempo para que todos possam fazer comentários, tirar dúvidas e apresentar registros e aplicabilidades, promovendo um ambiente interativo e participativo (BERGMAN; SAMS, 2018). Tal estratégia foi utilizada nas aulas apresentadas neste relato, que aconteceram de modo remoto, e os conteúdos foram compartilhados de modo virtual. Essas se mostraram interessantes e convidativas, na medida em que se associaram a outras estratégias que envolviam tecnologias educacionais, como a criação da Mandala Formativa.

Várias experiências têm sido relatadas acerca dos diversos recursos pedagógicos de ensino, que têm logrado êxito no processo de aprendizagem. Na área da saúde, existe a indicação de uma orientação voltada para os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), em um processo educativo que estimule a reflexão sobre a realidade social, a aproximação do ensino com a prática profissional e a dinâmica de trabalho em grupo (PRADO; REIBNITZ, 2016).

A Pedagogia Freireana convida os leitores a refletir criticamente sobre a realidade em que estão inseridos, sobre a coerência entre teoria e prática, as relações de opressão e a construção coletiva do conhecimento. Suas obras inspiraram a criação de diversas expressões e pilares da Educação Popular, como a participação social, a luta pela transformação das relações de opressão, e o sentido político de emancipação. Na Educação Popular em Saúde, valoriza-se a pesquisa participativa e a interação de saberes e práticas dos diversos atores envolvidos, como profissionais de saúde, movimentos sociais, militantes e população (BONETTI; CHAGAS; SIQUEIRA, 2014).

Diante dos desafios impostos à educação atual e da leitura crítica da realidade social e política em que está inserida, faz-se necessário revisitar as obras de Paulo Freire para reflexão e ação na perspectiva transformadora da realidade e de educação, ancoradas em princípios libertários.

2. As mandalas como forma de discussão e problematização dos conhecimentos

As mudanças ocorridas na sociedade, ao longo do tempo, com a intensa difusão de novas tecnologias, trouxeram desafios à educação formal, exigindo sua evolução para que se torne ainda mais relevante e eficaz para todos os envolvidos no contexto educacional (MORÁN, 2015).

Somados a isso, novos desafios educacionais surgiram no ano de 2020, em função da pandemia de covid-19, e suas medidas de contenção, que incluíram o isolamento social e fechamento de instituições de ensino. Assim, docentes e discentes estiveram diante do desafio de construir um ambiente de ensino e aprendizagem a distância, que fosse significativo, inovador e atrativo. Nesse cenário, tornou-se importante a revisão de certos parâmetros paradigmáticos de ensino, para que se pudesse refletir sobre o novo ambiente de aprendizagem, o perfil do profissional formado e seu papel social, sem perder de vista a qualidade do ensino.

Dessa forma, adotou-se a estratégia das mandalas, como forma de apresentação e dinamização dos conteúdos propostos. Essas mandalas formativas permitem a produção e organização de informações para problematização de conteúdos de forma criativa e participativa.

De modo geral, a mandala é uma figura geométrica, que vem da cultura indígena, de etnias bolivianas e mexicanas, com cores que representam intencionalidades. Sua aplicação no contexto educacional envolve a organização de conteúdos seguindo a ideia de etapas deslizantes, em que se percebe certo movimento cognitivo, construtivista, como círculos em redes, que permite certa identidade visual, dinamização e conversação entre os elementos (SOLANO, 2020).

Além da mandala, que representaria os conhecimentos compartilhados da disciplina, em cada aula, outra mandala era construída e apresentada, conforme as leituras e conhecimento prévio dos discentes e as experiências da docente, havendo a constante participação de todos os presentes. Essas aulas obtiveram boa adesão dos discentes, que se envolviam em todas as fases da atividade proposta, mesmo em ambiente remoto. Despertou-se o encantamento pela estética da mandala na organização dos conteúdos, a criticidade e capacidade argumentativa, além do aumento do engajamento e diminuição dos índices de dispersão nas aulas.

Essa é a proposta das metodologias ativas, que permitem a mobilização das competências pessoais, intelectuais, emocionais e comunicacionais, e viabilizam o ato de pesquisar e aprender pela descoberta (MORÁN, 2015). Contudo, é preciso destacar que somente a escolha de determinada metodologia, ou utilização de novas tecnologias, não se configura como solução para os atuais desafios educacionais, uma vez que não garante sozinha a aprendizagem e não transforma a educação (MORÁN, 2015). Faz-se

necessário o trabalho mútuo entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, em uma construção compartilhada do conhecimento, que leva em consideração os diversos saberes oriundos da pesquisa e da ação social.

3. Compreendo a Educação Popular em Saúde sob a ótica da mandala

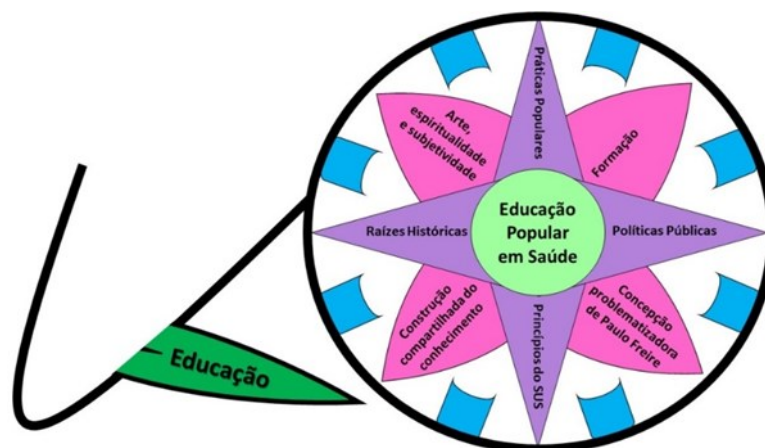
Com a necessidade de ressignificar o ensino da disciplina de “Educação Popular e Escola na Perspectiva da Promoção da Saúde”, diante dos desafios da pandemia e do ensino remoto, oportunizou-se a utilização dessa nova metodologia utilizada pela docente da disciplina.

Inicialmente, foi proposta a construção de uma mandala que representasse o conhecimento prévio dos estudantes sobre os aspectos que envolvem a EPS. Após esse momento, os conteúdos a serem trabalhados ao longo da disciplina foram previamente disponibilizados aos estudantes e as aulas remotas foram fundamentadas na discussão desses, que foram assimilados e compartilhados a

partir da construção de mandalas. Ao final do processo, os estudantes complementaram suas mandalas, com o conhecimento produzido e compartilhado durante o período letivo.

Aproximando-se dos ideais de Paulo Freire, compreende-se que as práticas educativas devem ser elaboradas, de modo que se deve considerar a autonomia, criatividade e participação, na busca da construção de um saber crítico. Dessa forma, optou-se pela exposição dos conteúdos e temáticas a partir da construção de uma mandala, que se transforma em figura semelhante a uma flor envolta em um círculo (Figura 1). Em cada pétala constavam as temáticas principais trabalhadas ao longo dos dias: a) Concepção problematizadora de Paulo Freire no ensino da saúde; b) EPS: raízes históricas; c) EPS e os princípios do Sistema Único de Saúde; d) EPS como política pública; e) EPS e as práticas populares; f) EPS: arte, espiritualidade e subjetividade em saúde; g) Construção compartilhada do conhecimento; e h) Formação para Educação Popular no SUS.

Figura 1. Educação Popular em Saúde: possibilidades em mandala. Fortaleza-CE, 2021.



Fonte: Elaborada pelos autores.

A Figura 1 nos dirige ao “binômio educação e saúde”, o qual foi descrito por Rocha (2019), em que o saber e a experiência popular são componentes políticos para o cuidado à saúde. Entretanto, a construção compartilhada, em parceria com as intervenções de educação em saúde, remete-nos à concepção libertadora de Freire; assim, o indivíduo é um sujeito social e transformador do meio onde se encontra, colaborando para a construção coletiva do conhecimento.

A seguir, destacam-se os principais desfechos e pontos abordados, de acordo com as temáticas desenvolvidas em sala de aula.

a) Concepção problematizadora de Paulo Freire no ensino da saúde

A educação popular é caracterizada pelo diálogo entre os sujeitos, ou seja, pela compreensão integral do ser humano como sujeito, nas suas dimensões, bem como suas raízes históricas e culturais. A educação libertadora concebe um instrumento de construção de um novo sujeito com tomada de consciência e atitudes (FREIRE, 1996). Nesse processo, a Educação Popular em Saúde vem sendo construída ao longo dos anos, constituindo campo de conhecimentos e práticas, ganhando espaços e instalando-se nos serviços. Desse modo, a EPS é uma ferramenta de trabalho adotada por diversos profissionais no campo do ensino na saúde.

b) Educação Popular em Saúde: raízes históricas

As raízes históricas mais recentes sobre a educação popular nos remetem aos movimentos

sociais e suas relações com grupos populares, tendo em vista a criação de uma nova ordem social, cultural, e política, resgatando assim a participação social e voando ao encontro de uma sociedade mais humana e sem injustiças sociais (SANTOS PEDROSA et al., 2014).

c) Educação Popular em Saúde e os princípios do Sistema Único de Saúde

Os princípios doutrinários que regem o SUS são a universalidade, a equidade e a integralidade; e os princípios organizativos, a regionalização, hierarquização, descentralização e a participação popular, fixados na Constituição Federal de 1988 e sendo detalhados na Lei Orgânica da Saúde, Lei n.º 8.080/90 (BRASIL, 1998; BRASIL, 1990).

O direito universal à saúde, com a universalidade de acesso aos níveis de assistência em saúde. A equidade da assistência aos serviços de saúde, sem preconceitos ou privilégios, reconhecendo assim as diferenças nas condições de vida e saúde. Atendimento integral à saúde, preservando a autonomia dos indivíduos, na defesa da integridade física e moral (BRASIL, 1990).

A descentralização político-administrativa, com direção única em cada esfera, conjugando os recursos financeiros, tecnológicos, materiais e recursos humanos; a regionalização e a hierarquização da rede de serviços de saúde; e a participação da população no acompanhamento das políticas de saúde do SUS (BRASIL, 1990).

d) Educação Popular em Saúde como política pública

Para que a EPS seja transformada em uma política pública, faz-se necessário compreender que essa política deverá contemplar a todos que estão implicados no SUS, ou seja, trabalhadores, gestores, docentes, discentes e os usuários. Para que a Educação Popular em Saúde venha a se tornar uma política pública, é necessário, de modo que se possa ampliar o olhar sobre o que realmente é a EPS e a sua real colocação no cenário atual das políticas de saúde, exigindo assim conhecimento, elaboração e implementação de suas leis e políticas (BONETTI; CHAGAS; SIQUEIRA, 2014).

As políticas públicas no SUS foram ganhando força nos últimos 30 anos, citando algumas, como políticas da população negra, população quilombola, indígena, LGBTQI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, queer, intersexo e outros), pessoas em situação de rua, população privada de liberdade, populações tradicionais, pessoas com doenças raras, populações que vivem nas periferias, mulheres, jovens, idosos, pessoas com necessidades especiais, população cigana, população do campo, floresta e cerrado. As conquistas alcançadas ao longo dessas décadas, com acesso e melhoria aos serviços básicos e de saúde, foram conquistadas pelos movimentos sociais e participação popular diante das lutas nas esferas governamentais (PULGA et al., 2020).

e) Educação Popular em Saúde e as práticas populares

As práticas populares em saúde estão ganhando espaço por meio das práticas integrativas e complementares (PICS), implementadas no SUS. As PICS trazem, por intermédio das práticas populares de uma comunidade ou formas culturais, técnicas e recursos terapêuticos para o tratamento e/ou prevenção de agravos. Conforme evidenciam Pinheiro e Bittar (2017), as vivências de educação popular em saúde estão cada vez mais sistematizadas, observando uma resolubilidade, pois quando a população se torna mais consciente e participativa de forma dialógica, torna-se mais conhecedora das suas condições de vida e de saúde, refletindo um maior controle social, com uma gestão mais participativa do povo.

f) Educação Popular em Saúde: arte, espiritualidade e subjetividade

A articulação entre arte, espiritualidade e saúde é um referencial significativo na EPS. Arte compreende um espaço de criação e produção de sentidos, sendo possível o desenvolvimento de habilidades práticas ou criação de objetos. Já a espiritualidade seria a propensão humana em buscar significado para a vida por meio de sentimentos e uma força sobrenatural, algo longe do que seria concreto ou palpável, mas algo dimensional (DANTAS, 2009). Já a subjetividade é entendida como um espaço do indivíduo, ou seja, mais profundo e íntimo, reunindo ideias, significados e emoções, influenciados por interesses e desejos particulares.

g) Construção compartilhada do conhecimento

A construção compartilhada de conhecimento, vivenciada na disciplina de Educação Popular e Escola na Perspectiva da Promoção da Saúde, foi baseada em um enfoque crítico de Solano (2020), buscando o diálogo e a troca de experiências, articulando, assim, de forma individual e coletiva, todo o processo educativo. Portanto, a construção das mandalas através dos nossos conhecimentos construídos na disciplina, nesse processo de ensino-aprendizagem, gerou em todos um processo reflexivo-crítico, a partir de nossas experiências prévias.

Portanto, a educação bancária faz do processo educativo um ato permanente de depositar conteúdos, em que o depositante é o educador e o depositário é o educando. Para Freire, professores e educandos se envolvem nos processos de aprendizagem, com mais interesse e naturalidade, se lhes forem oferecidos por meio de "Palavras pertencentes à sua experiência existencial" (FREIRE, 1996, p.14).

h) Formação para Educação Popular em Saúde

Diante da Política Nacional de Educação Popular, faz-se necessário articular educação popular aos processos de gestão, formação e

controle social no SUS, fortalecendo uma gestão mais participativa, com uma maior participação dos movimentos populares e uma maior contribuição para a formação em saúde (BONETTI; CHAGAS; SIQUEIRA, 2014).

Para a construção de novos caminhos para a educação popular no serviço de saúde, é importante que os envolvidos nesse processo (docente, discente e profissional), abandonem velhos hábitos, que estão baseados na educação opressora e autoritária. A formação para EPS requer novas práticas formativas e dialógicas, inclusivas e libertadoras, tendo uma maior inclusão social e a junção de diversas culturas e saberes, fazendo-se necessárias nesse processo formativo (CORTEZ; SOUZA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Popular em Saúde se apresenta como um modelo de reorientação das práticas de saúde, sendo a principal responsável pela formação crítica de seus atores. Vislumbra-se uma formação que contemple menos profissionais e mais sujeitos, ou seja, pessoas que, além da técnica, possam valorizar o conhecimento, cultura popular e encorajar a capacidade de análise crítica.

Como dizia Paulo Freire, a educação é um processo contínuo de humanização, em que o ser humano se abre a toda complexidade do mundo compartilhado e à responsabilização com ele, tornando-se sujeito ativo no processo. Assim, cada mandala que foi produzida durante o encontro da disciplina, suas cores, formas e diversos tamanhos, representava sentimentos como esperança, amorosidade, respeito e compromisso em cada um de nós, despertando sensações e afetos que repercutiram no cuidado individual e com o próximo.

Apesar dos entraves que a situação pandêmica impôs e dos desafios do ensino remoto nesse período, foi possível aprender e compartilhar conhecimentos importantes sobre essa temática, vivenciar a utilização de metodologias que embelezaram o processo de aprendizagem, e se transformar enquanto sujeito e profissional.

REFERÊNCIAS

- Bergmann, J; Sams, A. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC. 2018.
- Bonetti, O.P; Chagas, R.A; Siqueira, T.C.A. A educação popular em saúde na gestão participativa do SUS: construindo uma política. In: II Caderno de educação popular em saúde. Brasília: Ministério da Saúde. 2014. p 16-24.
- Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal. 1988.
- Brasil. Ministério da Saúde. Lei n.º 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, v 28, 1990.
- Brasil. Ministério da educação. Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus-COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, 2020.
- Cortez, P.A; DE SOUZA, M.V.R. Menos profissionais, mais sujeitos na formação para a educação popular no Sistema Único de Saúde (SUS). Revista de Educação Popular, Uberlândia, v 16, n 2, p 27-37, 2017.
- Dantas, V.L.A. Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza-CE. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3282>. Acesso em: 13 nov. 2020.
- Freire, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez. 1989.
- Freire, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.
- Morán, J. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: Aproximações Jovens. 2015. p 15-33. v 2. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29767/1/ENSINO%20REMOTO%20EMERGENCIAL_proposta_de_design_organizacao_aulas.pdf. Acesso em: 10 dez. 2020.
- Pinheiro, B.C; Bittar, C.M.L. Práticas de educação popular em saúde na atenção primária: uma revisão integrativa. Cinergis, Santa Cruz do Sul, v 18, n 1, p 77-82, 2017.
- Prado, M.L; Reibnitz, K.S. Paulo Freire: a boniteza de ensinar e aprender na saúde. Florianópolis: NFR/UFSC. 2016.
- Santos Pedrosa, J.I; Leite, M.C.T; Batista, S.M.L; et al. ANEPS: caminhos na construção do inédito viável na gestão participativa do SUS. In: II Caderno de educação popular em saúde. Brasília: Ministério da Saúde. 2014. p 25-28.
- Pulga, V.L; Dantas, V.L.A; Bonetti, O. P. (org.) et al. Educação Popular, Equidade e Saúde - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Editora Rede Unida. 2020.

Rocha, M.B. Panorama sobre o saber e a experiência popular nas práticas de educação em saúde: uma revisão integrativa. Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, v 16, n 1, p 1-13, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1899>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Solano, L.C. Mandala Formativa e a Unidade Básica de Saúde Escola: As residências em Saúde nos cenários de práticas na Atenção Básica. 2020. Tese. (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29692>. Acesso em: 10 nov. 2021.

Valente, J.A; Almeida, M.E.B; Geraldini, A.F.S. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v 17, n 52, p 455-478, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189154955008.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.